

O IMPACTO DO AMBIENTE DE TRABALHO NO BEM-ESTAR DO ENFERMEIRO

OLIVEIRA, Amanda Vasconcelos de¹
GIACORBO, Andressa Nunes²
ZANELLA, Renata³

RESUMO

Este artigo aborda o impacto do ambiente de trabalho na qualidade de vida dos enfermeiros, profissionais essenciais na área da saúde. Enfrentando situações de alta complexidade, exposição diária ao sofrimento e estresse, juntamente com uma carga de trabalho frequentemente sobrecarregada, esses trabalhadores são expostos a desafios significativos. O meio hospitalar, conhecido por seu desgaste profissional, representa um ambiente propício a riscos ocupacionais. O bem-estar dos enfermeiros, fundamental para a qualidade dos cuidados que oferecem, é frequentemente prejudicado por essas condições de trabalho. Essa pesquisa tem como objetivo destacar a relevância da análise desses impactos, não apenas na saúde física e mental dos enfermeiros, mas também em sua estabilidade social e profissional. Compreender esses desafios é vital para buscar soluções que melhorem sua qualidade de vida e, por consequência, a qualidade dos cuidados de saúde prestados.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Saúde mental. Esgotamento profissional. Motivação.

THE IMPACT OF THE WORK ENVIRONMENT ON NURSES' WELL-BEING

ABSTRACT

This article addresses the impact of the work environment on the quality of life of nurses, essential professionals in the health sector. Facing highly complex situations, daily exposure to suffering and stress, along with an often-overloaded workload, these professionals face significant challenges. The hospital environment, known for its professional exhaustion, represents an environment conducive to occupational risks. The well-being of nurses, fundamental to the quality of care they provide, is often harmed by these working conditions. This research aims to highlight the relevance of analyzing these impacts, not only on the physical and mental health of nurses, but also on their social and professional stability. Understanding these challenges is vital to seek solutions that improve the quality of life of these professionals and, consequently, the quality of healthcare provided.

KEYWORDS: Nursing. Mental health. Burnout, professional. Motivation.

1. INTRODUÇÃO

No cenário desafiador da área da saúde, os enfermeiros desempenham um papel crucial na prestação de cuidados e na promoção do bem-estar dos pacientes. Contudo, é essencial considerar que o próprio bem-estar desses profissionais é afetado de maneira significativa pelo ambiente de trabalho em que atuam. O impacto do ambiente laboral na qualidade de vida dos enfermeiros é um tema de extrema importância, que merece atenção e análise aprofundada.

O bem-estar é caracterizado como uma resposta sistêmica que o corpo expressa ao se submeter a determinadas situações, como afeto, sentimentos, satisfação, emoções e perspectivas individuais.

¹ Graduanda de Enfermagem do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: avoliveira4@minha.fag.edu.br.

² Graduanda de Enfermagem do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. E-mail: angiacorbo@minha.fag.edu.br.

³ Mestre em Ensino nas Ciências da Saúde pela Faculdade Pequeno Príncipe. Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: renataa.zanella@hotmail.com.

Assim, no ambiente de trabalho, os enfermeiros lidam com situações que afetam seu bem-estar, tendo um alto nível de complexidade de assistência, sendo expostos diariamente a situações de sofrimento, estresse, além de ter uma carga de trabalho de dois ou mais vínculos empregatícios. Jornada essa que traz exaustão física e mental e que afeta negativamente as tarefas e sua qualidade de vida com o aparecimento de doenças ocupacionais (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

Para Silva *et al.* (2015), o meio hospitalar tem sido um dos grandes responsáveis pelo desgaste profissional, situações de estresse constante e danos psíquicos decorrentes da jornada de trabalho excessiva, tensão elevada e riscos ocupacionais. A complexidade da assistência, a exposição diária às situações de sofrimento, o estresse constante e a carga de trabalho intensa, muitas vezes envolvidas em dois ou mais empregos, são apenas algumas das realidades que esses profissionais enfrentam.

Portanto, é de relevância a discussão dessa pesquisa já que o ambiente de trabalho dos profissionais de enfermagem é determinante para a ocorrência de doenças ocupacionais, afetando a qualidade de vida e sua estabilidade física, social e mental; prejudicando seu desenvolvimento e evolução na sua carreira profissional e nas atividades sociais (BRASIL, 2008).

Diante disso, o objetivo deste trabalho é demonstrar como o ambiente laboral tem o potencial de interferir de maneira prejudicial na qualidade de vida e no bem-estar dos enfermeiros, com reflexos não apenas em sua saúde física e mental, mas também em sua estabilidade social e profissional.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva de campo, com abordagem quantitativa de corte transversal. É descritiva, pois descreve o estudo e seus resultados pesquisados com base na organização em estudo, fundamentação teórica e nos seus resultados. É uma pesquisa elaborada baseada em dados já existentes, que podem ser encontrados em livros, revistas, artigos, jornais etc. Neste caso, a fundamentação se apoiará em bibliografias constantes em livros das grandes áreas mencionadas.

A pesquisa foi desenvolvida em um hospital universitário localizado no oeste do estado do Paraná, sendo que a carta de anuência foi entregue aos representantes da instituição juntamente com uma cópia do projeto de pesquisa, visando a deliberação, aprovação e liberação para a realização da pesquisa na sua instituição por meio da assinatura do termo. Após seu consentimento, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz para deliberação, tendo o CAAE 73148423.0.0000.5219.

Foram incluídos na pesquisa os enfermeiros que trabalham no local, de ambos os sexos, com faixa etária de 25 a 60 anos, e excluídos da pesquisa outros profissionais da área da saúde e enfermeiros fora da faixa etária estipulada.

O TCLE foi descrito antes do questionário no Formulário do Google, e somente após a leitura e aceite o participante foi redirecionado para o questionário.

O questionário foi produzido pelas autoras, contendo 14 questões fechadas e 01 aberta. Após compilados, os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e comparativa e serão apresentados em gráficos e tabelas elaboradas no Programa Excel, do Microsoft Office 2007. Sendo assim, após o seu levantamento foi empregada metodologia segundo Lakatos (2011), e a análise dos dados a partir de estatística simples do percentil para a obtenção dos resultados, e a análise metodológica, obtendo assim dados para a divulgação no meio acadêmico e científico.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL

Para Zanelli e Bastos (2004) a Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) encarrega-se da compreensão e intervenção no trabalho e nas organizações, por meio de análises dos grupos, das pessoas e das empresas para preservar, promover e restabelecer o bem-estar por meio da construção de procedimentos e estratégias.

Segundo Kelloway *et al.* (2023), a Revisão Anual de Psicologia Organizacional e Comportamento Organizacional, oferece uma análise abrangente e atualizada das tendências e desenvolvimentos nestes campos, fornecendo *insights* ricos para a compreensão das dinâmicas organizacionais. Apesar da variação nas definições e descrições associadas a cada estado ao longo do *continuum* de saúde mental, o conceito subjacente é relativamente consistente: a qualquer momento, as pessoas podem experimentar um estado de saúde mental positivo, em que estão geralmente satisfeitas e felizes nas suas vidas, problemas de saúde mental nos quais eles experimentam algum sofrimento e têm dificuldade em lidar com a situação, mas são capazes de desempenhar as funções da vida diária. Há também doenças mentais, ou distúrbios de saúde mental, nos quais eles são incapazes de lidar com a situação e experimentam sofrimento debilitante que afeta significativamente as funções da vida diária.

Cabe também enfatizar que as decisões tomadas nas organizações são influenciadas pelo modo como as pessoas percebem o ambiente onde se encontram, já que essas percepções são, em muito, construídas a partir das aprendizagens ocorridas em situações anteriores (SILVA; TOLFO, 2014).

Neste sentido, o processo organizacional na área da enfermagem pode ser caracterizado por um conjunto de atividades e processos que a instituição usa para coordenar e gerenciar a prestação de serviços, envolvendo as necessidades dos pacientes, o planejamento e a execução de intervenções, além da avaliação dos resultados e da revisão do plano de cuidados (GAMA *et al.*, 2019).

Assim sendo, podem-se descrever os processos organizacionais no “Serviço de Enfermagem – SE” como sendo um grande número de pessoas, com grande complexidade e diversidade de atividades, além da complexidade na divisão do trabalho, no estabelecimento de relações entre cada um, e na busca de coordenar esforços para o alcance do objetivo comum proposto, ou seja, a prestação do cuidado em enfermagem. Assim, para que estas atividades sejam conduzidas, orientadas e coordenadas, torna-se necessário que se defina a estrutura organizacional do SE, e assim começamos a compreender a importância da organização em enfermagem (GAMA *et al.*, 2019).

Desta forma, os resultados mostraram que o estresse é caracterizado por uma síndrome específica de fatos biológicos, apresentando-se como uma resposta inespecífica do corpo diante de exigências às quais está sendo submetido, manifestando-se de forma positiva (estresse), que motiva e provoca a resposta adequada aos estímulos estressores, ou negativa (distresse), que intimida o indivíduo diante de situação ameaçadora, com predominância de emoções de ansiedade, medo, tristeza e raiva (PRADO *et al.*, 2016).

3.2 QUALIDADE DE VIDA OCUPACIONAL

O bem-estar é caracterizado como uma resposta sistêmica que o corpo expressa ao se submeter a determinadas situações, como afeto, sentimentos, satisfação, emoções e perspectivas individuais. É importante conhecer e identificar os principais problemas que afetam esses trabalhadores, podendo nos direcionar com soluções e melhorias, sejam estruturais, de coordenação, ou organizacionais com a finalidade de fornecer eficiência no cuidado com qualidade (OMS, 2016).

A segunda categoria de definição de bem-estar, formulada por cientistas sociais, investiga os questionamentos sobre o que leva as pessoas a avaliarem suas vidas em termos positivos. A teoria tem sido chamada de satisfação de vida e utiliza os padrões dos respondentes para determinar o que é a vida feliz. A terceira categoria de definição de bem-estar considera esse como sendo o estado que denota uma preponderância do afeto positivo sobre o negativo (GIACOMONI *et al.*, 2004).

E ainda Giacomoni *et al.* (2004) enfatizam a experiência emocional de satisfação ou prazer, apontam o quanto a pessoa está experienciando emoções positivas ou negativas durante um período específico da vida, ou quanto a pessoa está predisposta a essas emoções.

A assistência à saúde é mais um fator que interfere diretamente na qualidade de vida dos profissionais, pois a negligência resulta em doenças graves, esgotamento físico e mental, com impacto negativo na assistência prestada aos pacientes (ARAÚJO *et al.*, 2016).

A associação da saúde mental com o trabalho é discutida em diversos âmbitos, e são alguns dos transtornos que têm mais relação com a saúde e na sociedade em geral. O surgimento de transtornos mentais desenvolvidos entre os profissionais da saúde decorre por conta de várias causas, dentre elas o contato com o enfrentamento da dor e sofrimento, excesso de trabalho, múltiplas atividades que levam a sobrecarga física e emocional com altas responsabilidades que favorecem para o estresse, ansiedade e depressão (FERNANDES *et al.*, 2004).

Para Melo *et al.* (2011), relataram que a equipe de enfermagem se encontrava satisfeita no trabalho, no entanto, apesar de referirem satisfação, citaram uma série de dificuldades enfrentadas, e foram apontadas: falta de integração entre os membros da equipe, sobrecarga de trabalho, baixos salários e desvalorização profissional. Já Robazzi *et al.* (2012) descreve que o excesso de trabalho pode interferir na vida pessoal, levantando dificuldade nos relacionamentos social e familiar, falta de motivação, doenças físicas e psicológicas e problemas no contexto laborativo.

3.3 PATOLOGIAS OCUPACIONAIS ASSOCIADAS À ENFERMAGEM

O estresse ocupacional é causado pela exposição prolongada a estressores ambientais e situacionais, o que contribui com o aumento da baixa realização profissional e a exaustão emocional. Os estressores comuns são: baixa remuneração, jornada de trabalho exaustiva, faltas de recursos pessoais e materiais e a complexidade dos procedimentos (KHAMISA; OLDENBURG, 2015).

Os enfermeiros enfrentam trabalho exaustivo e por isso estão mais propensos a desenvolver o estresse emocional, e com o tempo desencadear a síndrome de *Burnout*, uma vez que eles enfrentam situações estressantes constantes. A síndrome é caracterizada por sintomas específicos (esgotamento físico e mental, irritabilidade, dores musculares e falta de apetite) (RIBEIRO; FERREIRA, 2014).

Oferecer suporte e apoio para a equipe de enfermagem é extremamente importante, pois os transtornos mentais são relevantes, em virtude dos impactos causados na saúde psíquica do trabalhador, interferindo no seu desenvolvimento profissional e pessoal (ROCHA *et al.*, 2020).

Outra patologia que deve ser discutida é a depressão, que é um dos fenômenos atuais com um alto nível de incidência no mundo, além de tratar-se de uma questão de saúde pública. A depressão em profissionais da enfermagem tem impacto profundo na saúde psíquica do trabalhador, uma vez que os serviços prestados pelos enfermeiros podem apresentar elementos capazes de comprometer o equilíbrio e o processo de uma vida saudável (VIEIRA; BECK; DISSEN, 2013).

Os sintomas de um episódio depressivo são caracterizados pelo humor deprimido, perda do interesse, problemas psicomotores, fadiga, falta de atenção, sentimento de inutilidade ou culpa (CUNHA, 2001).

Em termos de epidemiologia, a depressão prevalece em cerca de 15% a 25% das mulheres e 5% a 12% dos homens, independente dos aspectos econômicos ou estado civil. Quanto à etiologia, pesquisas genéticas confirmam a hipótese de envolver uma patologia do sistema límbico, hipotálamo e gânglios basais. Em relação aos fatores psicossociais, o estresse procede de forma frequente os transtornos de humor (KAPLAN *et al.*, 2007)

Fatores desencadeantes da depressão nos profissionais de saúde relacionam-se à sua exposição a riscos e contaminações, excessivas horas de trabalho e a convivência com o sofrimento, morte e problemas emocionais daí decorrentes, repercutindo em sua qualidade de vida e trabalho (MANETTI; MAZIALE, 2007).

Além disso, a ansiedade é definida como um estado emocional que gera expectativa diante da possibilidade de algo bom ou ruim acontecer, sendo considerada transtorno quando seus níveis persistem por um longo período ou de forma excessiva, atrapalhando o cotidiano e o desempenho profissional do indivíduo (ALVES, 2012; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Compreender os sinais dados pelo corpo é importante para que os enfermeiros possam ter a ajuda necessária, já que os transtornos psiquiátricos estão relacionados a uma série de problemas que afetam a saúde. A tomada de medidas que auxiliem no desenvolvimento da qualidade de vida e bem-estar do trabalhador faz toda diferença para o desempenho do enfermeiro (SILVA, 2015).

Outro fator que auxiliou na escalada do desenvolvimento dos problemas psiquiátricos nos profissionais da área da saúde foi o Coronavírus. O Coronavírus (COVID-19) foi declarado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) uma pandemia, devido à grande disseminação mundial que se espalhou rapidamente a partir do dia 11 de março de 2020. A característica do vírus é a alta capacidade de transmissão, o que favoreceu o crescimento significativo no número de casos (ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE, 2020; PEREIRA; TORRES; PEREIRA, 2020).

No combate à pandemia os profissionais de saúde estiveram na linha de frente para enfrentar esse momento delicado. Com a tensão diária e o medo de enfrentar um vírus desconhecido, esses profissionais desenvolveram ou potencializaram doenças psiquiátricas pré-existentes, devendo o cuidado ser direcionado a esses indivíduos (OLIVEIRA, 2020).

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 CONDIÇÕES DE TRABALHO DA ENFERMAGEM

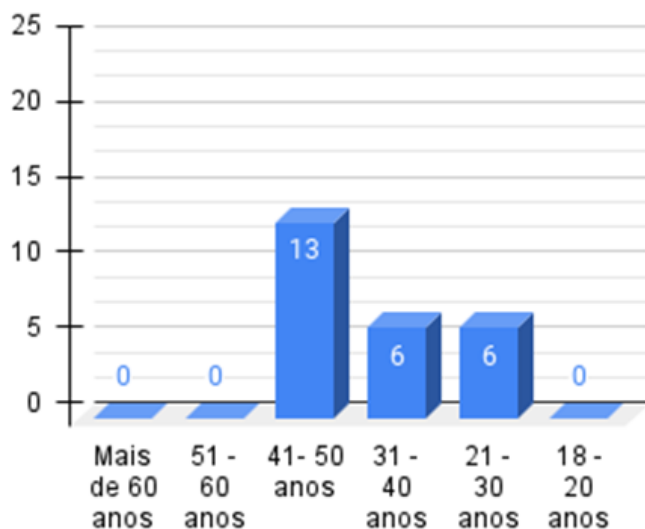
Os dados foram obtidos e analisados com as informações obtidas pelo questionário enviado via Google Forms e implementado no mês de outubro de 2023. Este foi direcionado aos profissionais enfermeiros, com uma totalidade de 25 respostas válidas.

Neste sentido, inicia-se pela classificação do sexo dos participantes. Obteve-se que 92,0%, (23) dos participantes são do sexo feminino e os outros 8,0%, (dois) participantes do sexo masculino.

A enfermagem, tradicionalmente, sempre contribuiu para essa feminilização da saúde. A equipe de enfermagem é predominantemente feminina, com um total de 85,1% de mulheres. É importante ressaltar, no entanto, que sendo uma categoria feminina, registra-se a presença de 14,4% de homens (COFEN, 2017).

No segundo questionamento, busca-se identificar a faixa etária dos participantes. Neste sentido, a variável de faixa etária dos funcionários foi organizada em 18-20 anos, 21-30 anos, 31-40 anos, 41-50 anos, 51-60 anos ou acima dos 60 anos, conforme demonstrado abaixo pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 – Faixa etária dos participantes



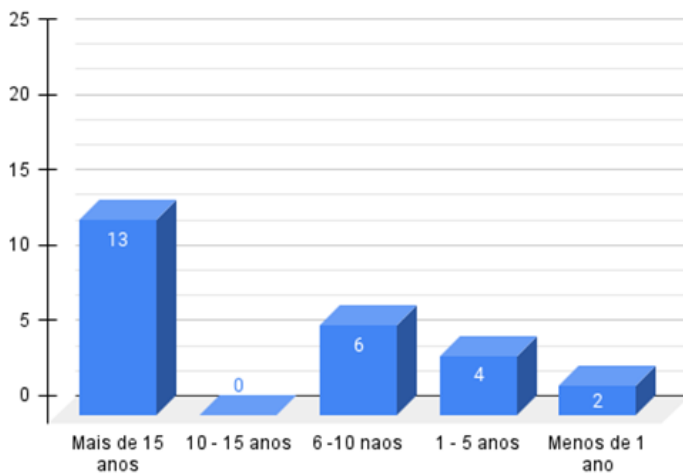
Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Resultados do gráfico obtidos por 25 respostas válidas, com a faixa etária de mais de 60 anos 0%; de 51 - 60 anos 0%; 41 - 50 anos 52,0%, que equivalem a 13 pessoas; 31 - 40 anos com 24,0%, equivalente a 6 pessoas; entre 21 e 30 anos com 24,0%, que correspondem a 6 pessoas; e entre 18 e 20 anos 0%.

Como pode-se observar, destaca-se que a faixa etária predominante é composta pelos colaboradores entre 41-50 anos, representando 52,0%, seguida da faixa de 31-40 anos, que representa 24,0%, e a de 21-30 anos com 24,0%.

Outro questionamento realizado foi quanto ao tempo de atuação como enfermeiro, especificamente na área hospitalar. Obteve-se como resultado que a maioria dos participantes tem experiência de longos anos na área da enfermagem, com a opção de mais de 15 anos (50,0%) correspondente a 25 pessoas, de um a cinco anos (20,0%) correspondente a 10 pessoas, 6-10 anos (20,0%) correspondente a 10 pessoas e menos de um ano (10,0%) correspondente a 5 pessoas, conforme apresentado abaixo no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Tempo de atuação como enfermeiro na área hospitalar



Fonte: Dados da Pesquisa.

Os dados relativos à experiência profissional dos enfermeiros em ambiente hospitalar revelam que um grupo específico de 13 enfermeiros (52,0%) acumula mais de 15 anos de experiência, fornecendo um vasto conhecimento. No entanto, é notável a ausência de profissionais com 10 a 15 anos de experiência. Além disso, há 6 enfermeiros (24,0%) com 6 a 10 anos de experiência, 4 enfermeiros (16,0%) com 1 a 5 anos e 2 enfermeiros (8,0%) com menos de 1 ano, sinalizando uma entrada constante de novos profissionais no setor. Essa diversidade de experiências destaca a importância da interação entre gerações na busca de soluções para os desafios do ambiente hospitalar.

Morais *et al.* (2016) identificou em suas pesquisas que atuar em uma instituição de prestígio e aprimorar-se tecnicamente faziam parte das aspirações dos servidores, além da valorização dos aspectos simbólicos relacionados à hierarquia de status profissional no amplo aspecto das relações sociais.

A avaliação da qualidade de vida e a satisfação no trabalho são aspectos cruciais na análise do bem-estar dos profissionais. Para compreendermos essas dimensões, foram realizados questionamentos visando que os participantes pudessem expressar suas opiniões em relação a sua vida profissional. Os resultados foram organizados e estão apresentados abaixo no Quadro 1, sendo

organizados entre respostas de “Muito Insatisfeito”, “Insatisfeito”, “Nem Satisfeito e Nem Insatisfeito”, “Satisfeito” e “Muito Satisfeito”.

Quadro 1 - Avaliação da Qualidade de Vida e Satisfação no Trabalho

	<i>Muito Insatisfeito</i>	<i>Insatisfeito</i>	<i>Nem Satisfeito Nem Insatisfeito</i>	<i>Satisfeito</i>	<i>Muito Satisfeito</i>
Como você avalia sua qualidade de vida?	0%	0%	24,0%	76,0%	0%
O quanto você está satisfeito com as recompensas oferecidas pela empresa?	0%	24,0%	24,0%	52,0%	0%
O quanto está satisfeito com seu salário?	0%	16,0%	0%	60,0%	24,0%
O quanto está satisfeito com o descanso em seu repouso fora do trabalho?	0%	28,0%	16,0%	56,0%	0%

Fonte: Dados da Pesquisa

Os questionamentos mostram que 76,0% (19) dos participantes estão “Satisfeitos” com a sua qualidade de vida, enquanto os outros 24,0% dos participantes encontram-se “Nem Satisfeitos e Nem Insatisfeitos”. Com relação às recompensas oferecidas pela instituição, 52,0% dos participantes (13) se encontram “Satisfeitos”, 24,0% dos participantes (6) se encontram “Insatisfeitos” e 24,0% dos participantes (6) se encontram “Nem Satisfeitos e Nem Insatisfeitos”. Ao serem questionados quanto ao salário, 60,0% dos participantes (15) se encontram “Satisfeitos”, 24,0% dos participantes (6) estão “Muito Satisfeitos” e 16,0% dos participantes (4) estão “Insatisfeitos”. Já quanto à satisfação relacionada ao descanso/repouso fora do ambiente de trabalho, 56,0% dos participantes (14) se encontram “Satisfeitos”, 28,0% dos participantes (7) se encontram “Insatisfeitos”, e os outros 16,0% dos participantes (4) se encontram “Nem Satisfeitos e Nem Insatisfeitos”.

Essa análise quantitativa fornece insights importantes sobre como os profissionais percebem sua qualidade de vida e sua satisfação no ambiente de trabalho, elementos cruciais para a compreensão do seu bem-estar.

Silva *et al.* (2014) mencionam que o trabalho dos enfermeiros é influenciado pelos serviços de saúde em que se desenvolve sua prática profissional, como a organização do serviço, hierarquias profissionais, políticas e condutas, além das condições e infraestruturas. Neste sentido, o ambiente de trabalho pode facilitar ou dificultar a prática da enfermagem, principalmente nos serviços de liderança e autonomia dos enfermeiros.

Além de influenciar resultados com o atendimento aos pacientes, o ambiente de trabalho também influencia os resultados com os enfermeiros devido à sobrecarga de trabalho, relações

interpessoais conflituosas, pouca autonomia profissional, exaustão emocional, estresse, ambiguidade de funções, além da rotatividade de equipe e insatisfação salarial. Esses fatores contribuem para um ambiente de trabalho conturbado, prejudicando o atendimento ao paciente e a qualidade de vida do enfermeiro (CUNHA; SOUZA; MELLO, 2012).

Referente à preocupação com a saúde mental 52% dos participantes (13) se encontram “Bastante” preocupados com sua saúde física e mental, 24,0% dos participantes (6) “completamente”, e 24,0% dos participantes (6) “mais ou menos”. Deste modo pode-se dizer que o uso de medicamentos serviria para tentar conviver com essas patologias.

Para evitar isso, as instituições hospitalares precisam fornecer boas condições para os profissionais e para a atração de usuários dos serviços, que são os principais contribuintes para o sustento da organização. A avaliação da qualidade do ambiente de trabalho é fundamental para estabelecer a prática do enfermeiro, que como líder da equipe precisa ter o conhecimento do suporte que organiza suas práticas, para garantir que sua assistência prestada seja realizada com qualidade (BALSANELLI; CUNHA, 2013).

Metade dos locais de trabalho na rede pública (49%) e privada (51%) não tinham local de repouso adequado, segundo a pesquisa. A situação era ainda mais grave nas unidades filantrópicas, onde 62% não tinham espaço apropriado. Sem local para cumprir a pausa prevista em lei, muitos profissionais mantinham plantão sem intervalo ou repousavam em condições precárias, sob os balcões de atendimento e até nos banheiros (COFEN, 2023).

Araújo *et al.* (2018) realizaram pesquisas e apontam que os resultados evidenciam a relação dos estressores do trabalho com a influência na vida social.

Após a pesquisa com as seguintes alternativas “Nada”, “Muito pouco”, “Mais ou menos”, “Bastante” e “Completamente”, com o seguinte questionamento: “o quanto seu trabalho influencia na sua vida profissional?” e obtivemos os seguintes dados: que 56,0%, ou 14 dos participantes entrevistados confirmam bastante, 28,0% dos participantes (7) completamente, e 16,0% (4) dos participantes muito pouco.

De acordo com os estudos, os profissionais de saúde ocupam o terceiro lugar em sobrecarga de estresse, atrás de policiais e seguranças privados, e de controladores de voo e motoristas de ônibus, que ocupam o primeiro e o segundo lugar, respectivamente (ARAÚJO *et al.*, 2018).

Ainda, segundo Araújo *et al.*, (2018) salário é um dos fatores que interfere diretamente na satisfação no trabalho e na qualidade de vida. Quando os trabalhadores ganham salários adequados, ficam mais motivados para trabalhar e não precisam procurar outras fontes de rendimento.

Contudo, neste estudo, a pontuação média na satisfação salarial dos entrevistados é de 76,0% (19) dos participantes satisfeitos e 24% (6) dos participantes nem satisfeitos, nem insatisfeitos. A

satisfação salarial pode variar de acordo com a economia local e a demanda dos profissionais de saúde, influenciando a evolução e os benefícios. Além disso, a experiência e qualificação dos profissionais desempenham um papel importante, pois aqueles mais experientes e treinados tendem a receber treinamentos mais elevados, aumentando a satisfação. No entanto, uma neutralidade de 24% dos entrevistados sugere que fatores individuais, comparações com colegas e condições de trabalho também podem afetar a satisfação, resultando em uma avaliação neutra em relação às remunerações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise abrangente dos dados coletados por meio do questionário revela insights relativos à qualidade de vida, satisfação no trabalho e bem-estar dos profissionais avaliados. Os resultados refletem a percepção dos participantes em relação a diferentes aspectos de seus ambientes de trabalho, destacando áreas que requerem atenção e melhorias possíveis.

Observa-se que uma porcentagem significativa dos profissionais considera seu trabalho como cansativo, enquanto uma parte substancial relaciona preocupações com sua saúde física e mental. Os profissionais de enfermagem apresentam maior predisposição para o sofrimento mental. Isso se deve às atividades que eles desenvolvem que estão relacionadas ao sofrimento físico e emocional, como as jornadas de trabalho intensas e falta do reconhecimento. Sugere-se a implementação de estratégias que visem a redução do estresse e o cuidado com a saúde desses profissionais.

Além disso, a avaliação da satisfação em relação aos vínculos empregatícios e sua influência na vida pessoal é uma área de interesse. Nota-se que, embora a maioria dos profissionais esteja satisfeita, uma parcela expressiva ainda enfrenta desafios nesse aspecto. Assim, é essencial que as instituições e os gestores reflitam sobre essas preocupações e implementem ações que promovam um equilíbrio saudável entre a vida profissional e pessoal.

Os enfermeiros estão entre os profissionais mais suscetíveis aos problemas da saúde mental, uma vez que são os que interagem, na maior parte do tempo, com indivíduos que necessitam de sua ajuda, sendo que as grandes responsabilidades contribuem para prejudicar sua saúde mental

Em suma, a análise dos dados enfatiza a importância de adotar estratégias que visem melhorar a qualidade de vida e o bem-estar dos profissionais em seus ambientes de trabalho. Essas iniciativas podem incluir a promoção de ambientes mais saudáveis, a redução do estresse, o apoio à saúde física e mental, valorização do profissional e uma conciliação garantida entre a vida profissional e pessoal.

As considerações finais deste estudo destacam a necessidade de ações ou projetos para o bem-estar e a satisfação no trabalho dos profissionais de enfermagem, resultando em benefícios não apenas para eles, mas também para as organizações e, por extensão, para a qualidade dos serviços prestados.

A falta de investimento na qualidade de vida dos enfermeiros resulta em baixa produtividade, insatisfação no trabalho, estresse, entre outros problemas.

REFERÊNCIAS

AAP – ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIÁTRICA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5**. 5. ed. Washington: Associação Americana de Psiquiatria, 2013.

ALVES, S. A. **A relação entre capacidades empáticas, depressão e ansiedade em jovens**. 2012. Dissertação. (Mestrado em Ciências Humanas, Letras e Artes). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

ANDRADE, R.; AMBONI, N. **Estratégias de gestão: processos e funções do administrador**. Rio de Janeiro: Elsevier; 2010.

ARAÚJO, F. D. P. et al. Avaliação da Qualidade de Vida dos Profissionais de Enfermagem do Atendimento Pré-Hospitalar. **Revista Brasileira de Medicina no Trabalho**, 2018.

BALSANELLI, A. P.; CUNHA, I. C. K. O. **O ambiente de trabalho em unidades de terapia intensiva privadas e públicas**. São Paulo: Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, 2013.

COFEN. **Lei que torna obrigatório o Descanso Digno da Enfermagem é sancionado**. 21 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/lei-que-torna-obrigatorio-o-descanso-digno-da-enfermagem-e-sancionada/> . Acesso em: 06/11/2023, 21h04min.

DA CUNHA, A. P.; MARQUES DE SOUZA, E.; MELLO, R. Os fatores intrínsecos ao ambiente de trabalho como contribuintes da síndrome de burnout em profissionais de enfermagem. Rio de Janeiro **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, v. 4, n. 1, p. 29-32, jan./mar. 2012.

FERNANDES, M. A.; SILVA, D. R. A.; IBIAPINA, A. R.S.; SILVA, J. S. **Adoecimento mental e as relações com o trabalho: estudo com trabalhadores portadores de transtorno mental**. Temas em Psicologia, v. 12, Ribeirão Preto, jun. 2004.

GAMA, B. M. B. M. **Administração da Assistência de Enfermagem I**. Universidade Federal de Juiz de Fora - 2019.

GIACOMONI, C. H. Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 1, Ribeirão Preto, jun. 2004.

KAPLAN, H; SADOCK, BJ; SADOCK, VA. **Compêndio de Psiquiatria: Ciências do comportamento e Psiquiatria clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KELLOWAY, E. K.; DIMOFF, J. K.; GILBERT, S. **Revisão Anual de Psicologia Organizacional e Comportamento Organizacional**. V. 10, 2023.

MACHADO, M. H. (Coord.). **Perfil da Enfermagem no Brasil: Relatório Final**. Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, 2017, p. 110 .

MANETTI, M. L.; MARZIALE, M. H. P. Fatores associados à depressão relacionados ao trabalho de Enfermagem. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 12, n. 1, p. 79-85, 2007.

MELO, M. B.; BARBOSA, M. A.; SOUZA, P. R.. Satisfação no trabalho da equipe de enfermagem: revisão integrativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, jul.-ago. 2011.

MIRANDA, E. J. P.; STANCATO, K. R Riscos à Saúde da Equipe de Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva: Proposta de Abordagem Integral da Saúde. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, Campinas, v. 20, n. 1, pág. 68-76, 2008.

MORAIS, M. P. et al. Satisfação no Trabalho de Enfermeiros em um Hospital Universitário. **Revista de Enfermagem REUFMS**, 2016.

NASCIMENTO, R. S.; MARTINS, C. M. A; BRANDÃO, T. M.; RIBEIRO, M. C. Bem-estar mental de enfermeiros de um hospital de urgência e emergência. SMAD, **Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. v. 17, n. 2, p. 34-43, abr/jun, 2021.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Saúde mental depende de bem-estar físico e social**. 2016.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **A OMS afirma que a COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content.

PRADO, C. E. P. Estresse ocupacional: causas e consequências. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, 2016.

RIBEIRO, V. F; FERREIRA FILHO, C.; VALENTI, V. E.; FERREIRA, M.; ABREU, L. C.; CARVALHO, T. D. e cols. Prevalência da síndrome de burnout em enfermeiros assistenciais de um hospital de excelência. **Arquivos Internacionais de Medicina**, v. 7, n. 22, 2014.

ROBBINS, S. R. **Comportamento organizacional**. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

ROCHA, M. E, e cols. Fatores que ocasionam o índice de transtornos depressivos e de ansiedade em profissionais de enfermagem: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 6, 2020.

SILVA, D. S. et al. A liderança do enfermeiro no contexto dos serviços de urgência e emergência. **Revista Eletrônica de Enfermagem** 2014.

SILVA, J. L. **Aspectos psicossociais e síndrome de Burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas**. Fundação Oswaldo Cruz, março de 2015.

SILVA, N.; TOLFO, S. R.. **Psicologia Organizacional**. 3. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2014.

VIEIRA, T. G.; BECK, C. L. C.; DISSEN, C. M.; CAMPONOGARA, S.; GOBATTO, M.; COELHO, A. P. F. Adoecimento e uso de medicamentos psicoativos entre trabalhadores de enfermagem de unidades de terapia intensiva. **Revista de Enfermagem UFSM**, v. 3, n. 2, p. 205-2014, 2013.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. *In*: ZANELLI, J. C.; BORGES-AANDRADE, J. E, BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto alegre: Artmed, 2004.